

1250
1

SAMORA MACHEL

O PODER POPULAR

GARANTE

A LEGALIDADE

27

colecção
"PALAVRAS de ORDEM"
EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

SAMORA MACHEL

O PODER POPULAR

GARANTE

A LEGALIDADE

27

coleção

"PALAVRAS de ORDEM"

EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

INTRODUÇÃO

Nos dias 19 e 20 de Maio de 1984, realizou-se em Nampula uma reunião do Bureau Político do Comité Central do Partido Frelimo, a primeira a ter lugar fora de Maputo. Nessa reunião, foram profundamente debatidas questões relativas à Legalidade, tendo a Direcção do Partido decidido tomar medidas rigorosas para pôr termo aos abusos e irregularidades que continuavam a ser cometidos por alguns elementos das Forças de Defesa e Segurança.

Não se tratava de um fenómeno novo nos nove anos de existência do nosso Estado Popular. Já em 1981, a Direcção do Partido constatara uma situação anormal, caracterizada pela violação sistemática da Constituição e das Leis da República Popular de Moçambique. O Partido decidira, então, desencadear a Ofensiva da Legalidade, a qual teve efeitos positivos sensíveis em todo o País.

Poucos anos volvidos, porém, de novo começavam a acumular-se abusos e irregularidades contra o Povo, mostrando que persistiam, entre alguns elementos das Forças de Defesa e Segurança, incluindo responsáveis a vários níveis, conceitos e valores opostos àqueles que desde a Luta Armada de

Libertação Nacional definimos como nossos; mostrando, também, que o combate pela Legalidade tem de ser um combate permanente.

No comício que se seguiu à reunião do Bureau Político em Nampula, realizada a 24 e 25 de Maio, o Camarada Presidente Samora Machel fez um diagnóstico detalhado e profundo das causas da situação, explicando que as mesmas se enraizam na deficiente formação de muitos membros de *essas* Forças — problema que começa na educação que recebem na família, prossegue na escola e prolonga-se nos critérios de recrutamento e formação que têm vindo a ser utilizados pelas próprias Forças.

Já anteriormente, no encontro realizado a 12 de Maio com os representantes das estruturas de base da Cidade de Maputo, o Camarada Presidente referira as prisões injustificadas e sem julgamento, os abusos, a falta de respeito pelo Povo manifestada por alguns elementos das Forças Armadas, da Polícia e do SNASP. Já então o Marechal Samora Machel salientara que estas situações são incompatíveis com a natureza popular do nosso poder e ofendem a linha política do nosso Partido.

Como nessa ocasião referiu o Camarada Presidente, e depois reafirmou no comício de Nampula, garantir a Legalidade significa criar condições favoráveis para a eliminação da fome e da nudez, para a liquidação total dos bandidos armados — em resumo, para alcançarmos todos os nossos objectivos. Garantir a Legalidade significa criar condições para a materialização da liberdade, da democracia, da ordem, da tranquilidade, do respeito pela pessoa humana, que devem caracterizar um Estado Popular, uma sociedade que constrói o Socialismo.

Em Nampula, o Camarada Presidente analisou igualmente a questão do Aparelho de Estado, criticando as deformações existentes e definindo que o Aparelho de Estado deve ser pequeno, dinâmico e

operativo — e não um refúgio de incompetentes e incapazes, não um asilo para inúteis e parasitas.

Pela importância dos temas que aborda, o discurso presidencial de 24 e 25 de Maio, em Nampula, agora publicado em brochura, deve constituir matéria de estudo para militantes do Partido, e em geral, para todos os cidadãos.

A Luta Contínua! (Contínua!)
A Luta Contínua! (Contínua!)
Independência ou Morte! (Venceremos!)
Independência ou Morte! (Venceremos!)

Viva a População de Nampula! (Viva!)
Viva a População de Nampula! (Viva!)

Viva o Povo moçambicano unido do Rovuma
ao Maputo! (Viva!)
Viva o Povo moçambicano unido e organizado
pela FRELIMO! (Viva!)

Viva a Independência Nacional! (Viva!)
Viva a Unidade Nacional! (Viva!)

Obrigado!

(APLAUSOS PROLONGADOS).

De que vamos falar, amigos?

Qual é a nossa agenda? (Bandidos armados e fome!) Fome onde? Na cidade ou no campo? (Na cidade!)

Então porque não vão para o campo para produzir? (RISOS). Porque? (Há bandidos armados!)

E quando chegarem à cidade, o que farão? (RISOS).

Portanto, o primeiro ponto da nossa agenda é falar dos bandidos armados e não armados, o segundo é o problema da fome na cidade de Nam-pula. Correcto? (Sim!)

E que mais? (Nudez, falta de material escolar e de medicamentos!)

Khanimambo!

Vamos então conversar.

EDUCAR NOVAS GERAÇÕES NA UNIDADE NACIONAL

Proclamámos a Independência em 25 de Junho de 1975. No próximo mês de Junho vamos celebrar 9 anos que somos um País livre e independente, que somos um País soberano.

As crianças que nasceram em 25 de Junho de 1975 têm agora 9 anos e frequentam a 3.^a classe. Há outras crianças nascidas nessa data que frequentam a 2.^a classe e outras até estão mais atrasadas. Outras ainda nem sequer estão na escola, porque esta está distante da sua aldeia. Para a frequentarem têm que caminhar 25 quilómetros à ida e 25 quilómetros à volta. Já viram quantos quilómetros são?

É esta ainda a nossa realidade, a realidade moçambicana. Este é um dos problemas que enfrentamos em relação às escolas.

As crianças nascidas em 1975 têm agora 9 anos. As mais avançadas frequentam já a 3.^a classe. Mas ainda não produzem, dependem dos seus pais. Até aos 16 ou 17 anos dependem essencialmente dos pais. É necessário que os pais estejam a trabalhar, é necessário que a mamã produza, que os irmãos mais velhos trabalhem para elas poderem estudar, ter roupa, comida, sapatos, material escolar.

Não temos ainda pelo menos uma escola para a formação de professores, que tomarão conta das crianças dos dois aos cinco anos, até atingirem a idade de ir à escola, em todo o território da República Popular de Moçambique.

Não temos no nosso País uma fábrica de papel, de lápis, de canetas, de livros, de ardósias e quadros. Não produzimos este material necessário para o bom funcionamento das nossas escolas.

Mas, é também verdade que, mesmo se produzíssemos todo o tipo de material escolar necessário, haveria material que não seria utilizado porque esta é ainda uma terra de analfabetismo. É ou não é? (É!)

Não temos fábrica para materiais de construção, para podermos ter mais escolas. Não produzimos cimento, ferro, tintas, zinco, lusalite. Não produzimos bancos nem carteiras para darmos o direito, não o privilégio, a todos, de ir à escola.

Porquê? Porque na República Popular de Moçambique, a partir de 25 de Junho de 1975, o ensino, a escola, deixaram de ser um privilégio para serem um direito de todos, um direito do povo.

Não temos professores para ensinar a educação física, a ginástica, a cultura, a uma criança desde os dois anos até à idade escolar.

A escola, meus amigos, não são as paredes. Entendem? (Sim!) A escola não são os bancos. A escola é a presença dos quadros, dos professores, para transmitirem os conhecimentos científicos, para ensinarem a cultura e corrigirem a cultura tribal, étnica, regional, racista.

Não temos professores qualificados que, com o seu trabalho, ensinem a igualdade entre os homens, na base dos conhecimentos científicos sobre a sociedade e a natureza.

Podemos não ter um edifício, podemos estudar debaixo de uma árvore, mas o importante é que obtenhamos os conhecimentos necessários.

Vocês sabem que mandamos vir professores estrangeiros de todas as nacionalidades, da Europa, da Ásia, da América Latina, da África e da Oceânia, para virem ensinar o homem moçambicano. Foi nesta direcção que fizemos o nosso primeiro investimento.

Mas, quando eles chegam ao nosso País, nós não temos professores que lhes ensinem a língua portuguesa para que eles possam transmitir os seus conhecimentos matemáticos, físicos e químicos às nossas crianças. Se não conhecem a língua portuguesa, como se vão comunicar convosco?

Este ponto foi colocado pelos jovens.

A maior parte deles não conheceram o que foi o colonialismo e nós não temos capacidade de lhes transmitir o que éramos durante o colonialismo.

Temos necessidade de liquidar o analfabetismo e a ignorância. Mas, para isso, é preciso que haja professores, antes mesmo de termos o material escolar. Professores que dominem suficientemente a ciência e a língua que vocês utilizam. Gostaríamos de ouvir esta língua bem falada, do Rovuma ao Maputo. Se um professor não domina a língua portuguesa, como vai poder eliminar os vossos defeitos e incorrecções?

Muitos de vocês pensam que falam bem portugueses. Estão tão convencidos disso! ... (RISOS).

Mas, só na cidade de Nampula, não sei quantas pronúncias existem! É ou não é? (É). Não sei mesmo como vocês se entendem!

Este é, amigos, um problema de todo o nosso território, de todo o território moçambicano.

ESCOLA: FORJA DO HOMEM NOVO

Proclamámos a Independência e dissémos que éramos uma República Popular, o que significa que

o poder é do povo. Podíamos ser apenas República de Moçambique. Mas dissémos que somos República **Popular** de Moçambique. Porquê? O termo «popular» não surge por acaso. Ele carrega consigo a democracia, a justiça, a igualdade, o humanismo; ele traduz o amor, o respeito, a dignidade e a personalidade moçambicanas.

Vocês escrevem esta palavra «popular» todos os dias lá na escola, mas não sabem o que ela significa. (RISOS).

Quando dizemos República Popular, isto significa que do Rovuma ao Maputo não há tribo. A tribo não cabe aqui, não tem lugar na palavra popular. A região, a raça não têm sentido na palavra popular.

Popular significa povo. E o povo não é um conjunto de raças, é um conjunto de homens iguais.

Oiçam muito bem isto! Esta é uma questão que nos preocupa muito e que gostaríamos que os jovens a assumissem bem.

Porque são os jovens que vão para a Polícia, mas como tribalistas. Porque são eles que vão para o SNASP, para o Exército, mas como tribalistas, regionalistas e racistas.

Então, adulteram o sentido da palavra «popular», esvaziam-na do seu verdadeiro conteúdo.

Dessa maneira, o poder popular já não é um poder unitário, é um poder fragmentado por alguns grupinhos de racistas, de tribalistas e de regionalistas.

E porquê? Porque ainda não conseguimos fazer da escola uma base para o povo tomar o poder, uma base para matar a tribo, a região, a raça. Ainda não transformámos a nossa escola numa base para matar a discriminação étnica, racial e de sexo.

Então, as nossas escolas transformam-se em bases para os tribalistas, para os intriguistas, para os boateiros e corruptos. (RISOS).

Este é um problema da nossa escola.

Por isso não forjamos na nossa escola o orgulho patriótico, não valorizamos a resistência secular do nosso povo, não forjamos a nossa personalidade, não assumimos o valor da nossa cultura, da nossa arte.

Este é o nosso problema primordial, fundamental, que se transforma na residência-capital das nossas dificuldades.

A falta de quadros competentes, conscientes, responsáveis, que carregam consigo o amor ao povo, torna ainda maiores as nossas dificuldades.

Sendo assim, se somos analfabetos, quem irá para o hospital matar a doença? De onde hão-de vir os bons alunos para serem agentes técnicos de medicina, enfermeiros, parteiras, para matar a doença? Onde estão os bons alunos de Matemática, de Química, de Biologia, de Física, para serem médicos, farmacêuticos, cientistas, professores da Universidade?

Como vamos poder construir uma fábrica para a produção de medicamentos, com os nossos farmacêuticos, com os nossos preparadores de medicamentos? Como vamos poder construir laboratórios nossos, para se analisar o nosso sangue, a nossa expectoração, para conhecermos o valor do leite da nossa mãe e dos alimentos que comemos?

Quem vai trabalhar nestes sectores, se a escola não produz verdadeiros quadros nacionais?

Por isso pergunto: a quem é que vocês estão a transmitir as dificuldades da escola e da Saúde?

Alguns de vós, jovens, reprovam 4 vezes na mesma classe. (RISOS). Vamos assim combater a doença?

Outros fingem que vão à escola, mas no fim do trimestre têm 50 faltas. São mais do que os dias do mês! Num dia chegam a faltar às aulas de quatro disciplinas. E fazem isto repetidas vezes.

Estes alunos vão poder ser bons médicos, enfermeiros, parteiras, bons preparadores de farmácia, analistas? (Não!)

Aí está o nosso problema. O nosso problema, afinal, são vocês! (RISOS E APLAUSOS).

Parece que já respondi a questões sobre a escola, o seu papel, sobre a falta de material escolar.

Não conseguimos ainda fazer da escola a força do tribalismo, do regionalismo, do racismo e transformá-la na forja do Homem Novo.

É na escola onde educamos a criança a desenvolver um novo tipo de relações entre homens de cores diferentes, onde o que conta não é a cor mas a qualidade do cérebro, a inteligência, a sabedoria, o talento.

O cérebro, a sabedoria, a inteligência não têm cor, por isso as admiramos e queremos desenvolver o seu valor. A inteligência e a sabedoria não têm cor, é através delas que devemos valorizar os homens.

Mas, infelizmente, as nossas estruturas, o Aparelho de Estado, estão preenchidos por certo tipo de gente que classifica o cérebro dos homens com base na cor da sua pele. (RISOS E APLAUSOS PROLONGADOS).

São estes tribalistas, racistas e regionalistas que vão para as Forças Armadas; são esses medíocres que vão para o SNASP; são esses insensíveis, irresponsáveis e mal-educados que vão para a Polícia (APLAUSOS PROLONGADOS).

Por isso, a culpa não é do Bureau Político. (RISOS E APLAUSOS).

A culpa é da escola. Mas é também dos nossos pais, que não nos educam correctamente, que não nos apontam as direcções correctas. Os pais descendem com filhos mal-criados, faltosos, medíocres. Tais filhos, quando começam a trabalhar,

quando se tornam empregados, serão bons ou maus funcionários? (Serão maus funcionários!)

Obrigado!

BANDIDOS DE NAMPULA SÃO LADRÕES ARMADOS

Falemos agora sobre os bandidos armados. Quem são, na verdade, os bandidos armados? Onde vêm eles? De vocês. Eles estão aí entre vocês! (RISOS).

Os bandidos armados dormem em casa da vossa prima, do vosso primo, do vosso cunhado, da vossa mamã e do papá, do vosso amigo, da vossa noiva, e da amante também ... (RISOS E APLAUSOS).

Agora pergunto, como lutar contra um bandido que fica em casa do irmão e do primo, da noiva, do cunhado? Podemos lutar assim? Respondam!

Os bandidos armados estão aqui também, aí entre vocês, e devem estar a dizer: «ah, até ele sabe!» (RISOS). Poderemos assim apontar correctamente as nossas armas?

Alguns fazem-se de bandidos armados, mas não o são. Pensam que ser bandido armado é bom, é possuir um título! (RISOS E APLAUSOS). Pensam que ser bandido armado é ser general.

Quando encontram uma senhora na rua mandam parar. A senhora pergunta porquê e eles respondem: «porque sou bandido armado!» Bandido é cabeça de piolho! (RISOS). E isso é o pior que há na vida, porque ser-se piolho é ser-se parasita.

Bandido armado significa ser assassino, criminoso, ser gente sem moral, sem cultura, sem escrúpulos, gente que se rejeita a si própria e diz com orgulho ser bandido armado.

Mas o vosso bandido armado, aqui em Nampula, não é de facto bandido armado. Aqui não há bandi-

dos armados. O que há aqui, são ladrões armados! (RISOS E APLAUSOS PROLONGADOS).

E o que querem esses ladrões armados? Querem comboios com comida, camiões que transportam mercadorias. Nas povoações roubam ovos, galinhas, porcos, cabritos, farinha de mandioca, mapira, couve, sal. Esse é um bandido armado? (Não!) É um ladrão, ladrão de profissão!

Mas, como ouviu dizer que há banditismo armado em algumas regiões e para não ser chamado ladrão, ele intitula-se também de bandido armado.

Não havia ladrões aqui em Nampula? (Havia!) Aliás, em todo o Mundo há ladrões. E os ladrões têm machamba, produzem? (Não!) Os ladrões só sabem saquear. Vinte e quatro horas sobre vinte e quatro horas o ladrão faz planos, estuda como roubar. (RISOS).

Então, vai consumir os seus actos com picareta, com azagaia, com machado, com catana. É assim que fazem os assaltos à mão armada. E aqui, vocês chamam a isto banditismo armado!

É verdade que esses ladrões armados proliferam aqui, sobretudo na cidade de Nampula. Mas também proliferam nos distritos, nas Aldeias Comunais.

É que eles sabem que nós projectamos para a província de Nampula, projectos que concorrem para melhorar a vida do povo. Eles conhecem a importância geográfica e estratégica da província de Nampula.

OS NOSSOS PROJECTOS

Em Nampula, temos o porto de Nacala, que serve Cabo Delgado, Zambézia, Niassa e a própria Província. Portanto, serve quatro províncias. No futuro, o porto de Nacala vai escoar grande quantidade de ferro e carvão que virão de Moatize, província de

Tete. A nível internacional, Nacala é o porto natural do Malawi, da Zâmbia, do Zaire e, num futuro próximo, será também da Tanzania.

Sendo assim, metade da população da província de Nampula pode viver do trabalho do porto e dos caminhos de ferro de Nacala.

Além do porto, temos em Nampula outros projectos. E vocês têm que conhecer, compreender a vossa própria Província, para a poderem saber defender. É que não se defende em abstracto, só se defende o que se conhece. E começa-se com a auto-defesa, para depois se poder defender o seu pai, a sua mãe, a sua mulher e o seu filho.

No domínio agrícola, por exemplo, temos em Nampula projectos para desenvolver a cultura do algodão e do caju, de que a Província é o nosso primeiro produtor. O algodão é essencialmente para matar a nudez. Mas temos ainda a cultura do sisal, tabaco, girassol, mandioca, amendoim, arroz, milho, feijão, mapira.

Por isso vamos construir moageiras, vamos construir e desenvolver uma fábrica de cimentos, vamos construir uma fábrica de óleos e sabões, para podermos satisfazer, em primeiro lugar, as necessidades da província de Nampula, da população de Moçambique. Satisfeitas estas necessidades, podemos então exportar para captarmos divisas.

Queremos construir mais fábricas para produzir roupa, sapatos; queremos criar mais gado para termos a pele e com ela fazer carteiras e casacos para as senhoras. Temos de construir, a partir de Cahora Bassa, uma linha de alta tensão para que não falte energia eléctrica em nenhuma parte da província de Nampula.

Queremos que a linha de energia Nacala-Nampula seja melhorada para que não haja interrupções na produção, para que as fábricas possam laborar

durante 24 horas por dia. Neste momento, só trabalham duas horas, mas pagamos aos seus trabalhadores como se produzissem a tempo inteiro.

Nesta Província descobrimos jazigos de ferro. E com o ferro podemos construir edificios, desenvolver o porto de Nacala, para que seja o maior de África e um dos maiores do Mundo.

Queremos construir uma linha férrea que ligue Nacala a Malawi. Queremos renovar e construir novas fábricas de tabaco para termos um bom cigarro, para que o moçambicano deixe de fumar Kwekwero (RISOS) e fume D. Carlos, Palmar, Nilos e outras marcas.

Desejar isso não é luxo. O Povo moçambicano merece! (APLAUSOS).

Queremos desenvolver a pesca, para comermos peixe todos os dias. Não sei se agora vão à pesca. Talvez tenham medo dos bandidos armados?!

Para apoiar o nosso País na concretização destes objectivos, estão nesta Província, nos diferentes projectos, técnicos especialistas de várias nacionalidades. Temos soviéticos, cubanos, búlgaros, coreanos, portugueses, cidadãos da República Democrática Alemã, romenos, italianos, suecos, franceses, indianos, checos, jugoslavos, japoneses, brasileiros.

Estamos a falar apenas da província de Nampula. São especialistas para a Educação, para a Saúde e para os grandes projectos que nos permitirão matar a fome, a nudez, o analfabetismo e a falta de alojamento.

Desenvolvendo todos estes projectos, teremos emprego, teremos trabalho e dinheiro, e não só para Nampula, como para todo o nosso País. E é este o nosso objectivo final.

Não sei se estão a ver por que razão os ladrões armados actuam aqui na vossa Província.

PROBLEMAS DE NAMPULA SÃO PROBLEMAS NACIONAIS

Sabemos que nos distritos há produção, mas, por causa dos ladrões armados, esses produtos circulam com muitas dificuldades. Os ladrões armados procuram impedir que o camponês produza para que não tenhamos amendoim, mandioca, milho, arroz. Porque os ladrões armados atacam as vias de comunicação, o camponês fica também sem poder receber o sabão, o sal, a capulana, o lenço de cabeça.

Os agricultores privados não podem ter combustível para as suas máquinas, não podem fazer chegar as peças sobressalentes às machambas e não podem tratar adequadamente os seus trabalhadores. Porquê? Porque falta a segurança. E, o resultado disso é a fome, é a nudez.

É por isso que a Direcção do Partido veio em peso a Nampula para estudar a situação da vossa Província. Em primeiro lugar, viemos para avaliar o nível de organização do povo, o seu entusiasmo na produção e a sua vontade de lutar contra o banditismo e os ladrões armados.

Em segundo lugar, viemos para visitar alguns distritos afectados pelas acções dos ladrões armados. Aliás, vir a Nampula ficar na cidade-capital, não significa que se visitou a província de Nampula.

Fomos a Malema. Lá, não encontrámos fome. Vimos que precisam, sim, de mercadorias. Precisam do alfinete, do chinelo, do lenço, do fato. Precisam do prato, da colher, do garfo. Precisam da enxada, do machado, da catana. Precisam do pó para as crianças, de perfumes, de brincos, de pulseiras, de missangas. (RISOS). É ou não é? (É).

Em Malema, têm comida, não há fome. O que existe é carência de certos produtos. Mas temos as madeiras, os mármore, o algodão, o tabaco. Porque

não são escoados, não são vendidos, não temos dinheiro para comprar aqueles artigos que são uma necessidade básica de qualquer lar.

Visitámos Ribáuè.

Vimos grandes quantidades de milho, mapira, mandioca.

Mas as pessoas precisam de sabão, de sabonetes, de tesoura. As senhoras precisam daquelas tesourinhas para embelezar as unhas. As meninas estão a perguntar: «mas como é que se faz isso?» Perguntem lá em casa às vossas mães que vos podem ensinar! Não é luxo as senhoras terem vestido bonito, uma saia, uma blusa bonita. Necessitam de um cabeleireiro para arranjar o cabelo, para poderem ir à Feira, aos domingos, com o cabelo penteado e bem trançado.

Estas são dificuldades que afectam não só Nam-pula, mas também todo o País.

Podemos recuperar todas as lojas, mas nenhum de vocês é capaz de ser um comerciante honesto, com certa cortesia, com ética, com respeito pelo cliente. Vocês podem abrir lojas, mas depois de seis meses vão falir. Porquê? Porque a tendência será de distribuir os produtos pelos familiares e pelas 20 ou 30 amantes! (RISOS).

É assim que falham empresas estatais do algodão, do chá, do caju. Os gestores pensam que são funcionários e não produzem nada, nem sequer produzem o suficiente para pagar o salário dos trabalhadores, até mesmo o seu próprio salário. Pela nossa Constituição, cada um deve produzir o seu salário. Qualquer empresa, qualquer loja deve produzir lucro. Todo o comerciante deve ter lucro.

REORGANIZAR MINISTÉRIOS E FORÇAS DE DEFESA E SEGURANÇA

No IV Congresso decidimos apoiar os privados, os produtores familiares e os cooperativistas. Não

queremos fazer das empresas do Estado o refúgio dos preguiçosos, malandros e ladrões. Isto afecta não só as empresas, mas também o Aparelho de Estado, em particular os Ministérios.

O IV Congresso, o Comité Central, determinaram que é necessário reduzir o efectivo do Aparelho de Estado. É preciso fazer dos Ministérios uma estrutura pequena, forte, contundente, altamente disciplinada e executiva. Esta deve ser a **primelra** característica dos Ministérios que queremos, nossos.

A **segunda** característica é que o pessoal deve ser qualificado, competente, operativo, eficiente, eficaz e capaz.

A **tercelra** característica é que o Ministério deve ser uma estrutura dinâmica, capaz de operar 24 horas sobre 24 horas.

Mas não conseguimos fazer isso até hoje, ao nível do Aparelho de Estado. Acomodamos lá preguiçosos, ladrões, desviadores dos bens do Estado. Acomodamos lá pessoal incompetente, incapaz, que não sabe o que é cortesia, que não sabe a quem está a servir. Não sabe ser servidor do povo, nem sabe mesmo o que é o povo. Não tem patrão. Sente-se, ele próprio, como sendo a autoridade, como sendo o poder, como sendo o povo, como sendo tudo! (RISOS). É isto o nosso Aparelho de Estado!

Isto acontece no nosso Aparelho de Estado, porque estes meus colegas Ministros, gostam de ter muito pessoal, para ficarem muito grandes também!

É por isso que prolifera nos Ministérios gente incompetente. Quando têm um dactilógrafo incompetente, eles admitem mais três, para fazerem o trabalho de um. Por vezes, no lugar de um admitem quatro e no lugar de dois, admitem oito!

Assim, como vai ser dinâmica e contundente a estrutura?

Não expulsamos a incompetência, a incapacidade. Acomodamos, sim, a ignorância, a arrogância,

a prepotência. Fazemos desses incompetentes nossos adúladores, nossos admiradores.

Não expulsamos, não punimos, não prendemos os motoristas que destroem carros do Estado, que atropelam e matam cidadãos. Não prendemos, não julgamos, não condenamos os que desviam os bens do Estado. É assim que o nosso Aparelho de Estado está infiltrado.

Mas a luta contra a fome passa necessariamente pela reorganização do Aparelho de Estado, pela eliminação dos prepotentes, dos arrogantes, dos preguiçosos, dos ladrões no Aparelho de Estado.

A luta contra a fome passa necessariamente pela aplicação da justiça, que deve ser assegurada a todos os cidadãos da República Popular de Moçambique.

Na República Popular de Moçambique existem forças especiais para a defesa da nossa Independência, da nossa soberania, da nossa integridade territorial, das nossas conquistas revolucionárias, da nossa Revolução, da construção do socialismo no nosso País. Isso significa que são forças que defendem a construção do bem-estar do Povo moçambicano.

As Forças Armadas de Moçambique garantem, em todo o nosso País, a integridade territorial. Garantem que o camponês produza. Garantem que o maquinista do comboio, que o camionista que transporta os produtos para a comercialização e os produtos do camponês, possam circular em tranquilidade, possam, com o seu trabalho honesto, contribuir para o desenvolvimento da economia nacional.

As armas que estão nas mãos dos jovens das Forças Armadas não são para caçar gazelas, mas sim para estabelecer a inviolabilidade, a segurança do nosso território, do Rovuma ao Maputo.

Temos as Forças de Segurança para garantir a segurança do povo e do Estado Popular. Elas lutam

contra os espiões, contra os reccionários. São forças que lutam pela tranquilidade social, pelo sossego, pelo bem-estar psíquico e material dos cidadãos, consolidando assim o lar de cada um, a soberania do Estado e a Independência nacional.

Temos as Forças Policiais para garantir a integridade do cidadão e o respeito pela Constituição da República Popular de Moçambique. São Forças que garantem o exercício pleno das capacidades de cada um no esforço conjunto da reconstrução nacional, que garantem a tranquilidade de cada cidadão e a harmonia social.

As Forças Policiais são o garante da justiça para todos os cidadãos, para que haja respeito, amor, tranquilidade e ordem em todos os lugares públicos, de forma a que cada cidadão se sinta protegido pela Constituição, pela Lei, incluindo nos seus próprios lares.

Deste modo o camponês produzirá, o mineiro e o ferro-portuário sentir-se-ão realizados, darão toda a sua energia, todo o seu saber e talento, para que este País ultrapasse todas as suas dificuldades.

Para que tudo isto seja assim, amigos, implica que as leis sejam respeitadas, que haja justiça.

Disseram que em Nampula há fome. Mas nós também viemos aqui por causa das irregularidades e da falta de respeito pela Constituição, pelas nossas leis, irregularidades que estão generalizadas em todo o País.

E é por isso que ladrões não são presos em Nampula. É por isso que os bandidos armados vivem convosco impunes.

Durante a guerra de libertação nacional, nós comprovámos que o inimigo infiltrado no nosso seio não pode permanecer muito tempo, porque poderá fazer tudo menos viver a nossa vida, a nossa disciplina, o nosso comportamento. Mas, quando começamos a confundir o nosso comportamento com o

do inimigo, então permitimos a infiltração de agentes do inimigo, que permanecem no nosso seio, que vivem connosco.

Acabar com os bandidos armados passa pela reorganização do Aparelho de Estado, do Partido e por um conhecimento profundo entre nós, ao nível da localidade, do distrito, da província até à nação.

Para isso é preciso que o Bureau Político pense, sinta da mesma maneira. É preciso que o coração de todos os membros do Bureau Político bata ao mesmo ritmo. Porque é este órgão que impulsiona a organização das nossas estruturas, a disciplina em toda a sociedade moçambicana. É este órgão que dirige as funções dos Ministérios, em particular dos Ministérios de soberania, para que estes façam justiça a cada cidadão, para que se respeitem os cooperantes das diferentes nacionalidades, que dão o seu saber para o engrandecimento da República Popular de Moçambique.

O Bureau Político deve preocupar-se por matar, nas Forças Armadas, o estigma da tribo, da região, da raça. As Forças Armadas são o ponto mais alto da unidade nacional. Elas representam a unidade nacional e não grupos étnicos ou raciais.

É por isso que dizemos que são Forças para defender todos os cidadãos nacionais.

A Polícia não representa uma tribo, ela não é o poder de uma tribo, de uma raça. A Polícia deve fazer justiça a todos sem olhar a quem. A Polícia deve fazer justiça a todos, independentemente do seu estado social, da sua altura, do seu estrato social. (APLAUSOS MUITO PROLONGADOS).

Para ela, todos são iguais perante a Lei e a Constituição. Independentemente da pigmentação da pele, todos são iguais, todos são cidadãos da República Popular de Moçambique e devem ser protegidos perante ela. Os cidadãos têm obrigações,

têm deveres, mas também têm direitos. E o primeiro direito é a liberdade. (APLAUSOS MUITO PROLONGADOS).

Está a ficar tarde, e eu não falo sem ver as caras das pessoas. Mas, se quiserem podemos continuar amanhã. (APLAUSOS PROLONGADOS).

A Luta Continua! (Continua!)

A Luta Continua! (Continua!)

Independência ou Morte! (Venceremos!)

Independência ou Morte! (Venceremos!)

Obrigado!

APÓS A INTERRUÇÃO DO ENCONTRO DO DIA 24 O COMÍCIO CONTINUOU NO DIA 25

De que falámos ontem? Qual foi a nossa agenda? Falámos dos bandidos armados, da fome, do problema da nudez, da falta de material escolar e de medicamentos. É isso? (Sim!)

Podemos então continuar. Parece-me que já expliquei tudo isso ontem.

O que é que falta hoje? (Falar dos bandidos armados!)

Já falámos ontem. Hoje vamos falar da forma como vamos solucionar o problema do banditismo armado. É isso que querem? (Sim!)

Obrigado! Facilitaram o meu trabalho. Falaremos então, durante apenas uma hora.

Ontem dissemos que os de Nampula não são bandidos armados. O que é que são? (São ladrões armados!) (APLAUSOS E RISOS).

E perguntámos: vivia aonde? (Viviam em casa dos tios, dos cunhados, dos amigos, das noivas e

amantes). São noivas de um ladrão armado, cabeça de piolho?! (RISOS E APLAUSOS PROLONGADOS).

Como desalojá-los, como combatê-los se vivem convosco, se são vocês que os acomodam?

Quem são os primos, os cunhados, os noivos e noivas, os amigos? Quem são os cabeças de piolho? São vocês então! (RISOS).

De onde vem o bandido armado? Vem do estrangeiro? Vem da Tanzania, da Zâmbia, do Malawi, da Suazilândia? (Não!)

Os ladrões armados, aqui em Nampula, são organizados pelos antigos sipaios (RISOS), pelos antigos régulos e chefes tribais. Ouviram? (Sim!) Os ladrões armados são organizados por aqueles que tinham algumas migalhas dos banquetes coloniais. Vocês sabem quem são, não sabem? (Sabemos!)

É que alguns vieram viver em Nampula, depois da Independência, e não têm emprego. Então como é que vivem? Vivem roubando, não é? (É!)

E trouxeram para a cidade de Nampula hábitos da palhota. Mas o prédio não aceita os hábitos da palhota. A casa de alvenaria, o prédio, não aceita esteira, não aceita o pilão, não aceita o cuspir no chão, o estender a esteira no quintal e sentar-se com as pernas esticadas! (RISOS). É ou não é? (É!)

Quem habita no prédio agora? Quem habita a cidade? (Somos nós!)

Ontem falámos do nosso Aparelho de Estado. O Aparelho de Estado, o Governo, dirige a materialização da política do Partido na sociedade. As escolas são do Governo, são seus instrumentos para materializar a política do Partido no domínio da Educação.

Os hospitais, os bancos, o Ministério das Finanças, o Ministério da Defesa Nacional, o SNASP, o Ministério do Interior, o Ministério dos Correios e Telecomunicações, o Ministério dos Portos, Cami-

nhos de Ferro e Marinha Mercante, o Ministério da Justiça, são todos organismos do Estado, são instrumentos para materializar a política do Partido.

E a política do Partido é a de servir o povo. O Partido define a política geral e o Governo estuda como materializar essa política, porque o Partido representa as aspirações e a vontade do nosso povo.

A vontade do nosso povo é de viver bem, em tranquilidade, é ter o direito à escola, à saúde, à habitação, ao trabalho.

Então, o Governo, deve estudar como materializar isso. Mas é necessário que cada um de nós, cada um de vocês, o povo inteiro do Rovuma ao Maputo, tenham tarefas para garantir o exercício do poder pelo Governo.

Se eu perguntar o que cada um dos presentes fez ao longo do ano de 1983, muitos não me saberão dizer o que fizeram. Porquê? Porque não fizeram nada, só vagabundice ... (RISOS). Muitos passaram os 12 meses do ano só na malandrice, na vagabundice. Podemos assim construir o País? (Não!)

O problema é que nós, por vezes, ao nível do Partido não fazemos chegar as ideias do Comité Central, da Assembleia Popular à base. Então, não lançamos a semente à terra.

E, mesmo nos casos em que lançamos a semente, não revolvemos a terra, não a preparamos para receber a semente e por isso ela não germina. Se germina, a planta será raquítica, não será forte, não dará frutos.

Não são vocês que cantam aquela canção que diz «boas-vindas, camaradas, boas-vindas, como estão?» e que continua «nós, aqui, estamos bons»?

Estar bem significa estar pronto, ser terreno fértil para receber as ideias novas. E as ideias novas não caem do céu, são o resultado da realização do nosso trabalho, resultam da nossa experiência. É por

isso que se diz que as ideias novas resultam da prática.

Quando há ideias novas, existe a iniciativa individual, a iniciativa colectiva, para corrigir os erros que às vezes os elementos do Governo cometem.

Quando somos educados e estamos preparados, sabemos distinguir os erros do indivíduo e os da própria política. Entenderam? (Sim!)

ERROS DA POLÍCIA NÃO SÃO DO GOVERNO

Quando um elemento da Polícia comete um erro, esse erro não é do Governo. Quando um elemento da Polícia prende arbitrariamente, não é o Governo. Quando prende e mantém os cidadãos 3, 4, 5 meses detidos e depois os liberta sem levar a julgamento, não é o Governo. Quando ele agride um cidadão, quando o espanca «porque não respeitou» (RISOS), esse polícia está a bater, está a espancar, não em nome da Lei e da Constituição, não em nome do Governo, mas sim em seu próprio nome, para satisfazer a sua vontade! (RISOS E APLAUSOS MUITO PROLONGADOS).

O polícia deve ser um elemento político, altamente educado e cortês.

Sabem o que é cortesia? (Não!) Vou dar um exemplo: um polícia não pode dar um pontapé a ninguém! (RISOS E APLAUSOS). O polícia que dá um pontapé a um cidadão, e particularmente a uma senhora ou a um jovem, não tem ética, não tem brio profissional, não respeita a farda que enverga, não dignifica o seu boné que tem o emblema da República Popular de Moçambique. (APLAUSOS MUITO PROLONGADOS). Esse polícia não sabe o que representa a farda que enverga.

Um polícia espancar as pessoas é o cúmulo da vergonha! (APLAUSOS). Este elemento não serve

para a estrutura do Estado. Ele, embora fardado, não representa o nosso poder popular.

A Polícia no nosso País chama-se Polícia Popular de Moçambique. É popular porque não é uma elite, vem de vocês, do povo.

O nosso polícia não tem privilégios. O seu privilégio é servir bem a República Popular de Moçambique, é zelar pela aplicação da Constituição, é fazer respeitar as leis, educar os cidadãos.

Para o nosso polícia, o estudo, a educação, a aprendizagem, devem ser permanentes. Ele deve aprender constantemente a evolução da ciência da Polícia, de todo o Mundo. O polícia deve preocupar-se em conhecer as leis para as fazer respeitar, conhecer a Constituição para a saber defender. Ele deve respeitar o sofrimento dos outros. Deve saber representar a autoridade, representar o vosso poder, o poder popular, este poder do nosso povo do Rovuma ao Maputo, que muito lutou para o conquistar.

Mas, o que assistimos hoje é o contrário do que acabei de dizer. Em todas as nossas cidades, a Polícia comporta-se pior que a Polícia colonial! (RISOS E APLAUSOS MUITO PROLONGADOS).

A Polícia, no Mundo, é assim: não vive confortavelmente, renuncia ao conforto. O polícia não deve ter uma cama com um colchão fofo. Todos eles dormem numa tarimba, mesmo o Comandante. O Comandante-Geral da Polícia, em toda a parte do Mundo, dorme na tarimba para ter sempre a coluna vertebral bem esticada! (RISOS E APLAUSOS PROLONGADOS). É que o colchão de luxo dobra a coluna, e então, o polícia dobra a farda, dobra o poder também! Se o polícia anda com as costas curvadas, que polícia é este? Que imagem nos transmite?

O polícia que anda com as pernas tortas, esse não é polícia. O polícia que mete o dedo no nariz

e limpa o dedo na farda, não é polícia! (APLAUSOS PROLONGADOS E RISOS).

O polícia anda sempre com a coluna vertebral bem esticada, com um passo bem cadenciado! Esse, sim, é um polícia!

Estes são problemas nossos. Por que é que temos polícias assim? Porque não seleccionamos, porque produzimos polícias em série, como se estivessemos na época dos fenícios! (RISOS E APLAUSOS PROLONGADOS).

Os elementos que vão para a Polícia devem ser bem seleccionados, devem revelar boas qualidades, devem ser inteligentes e bem constituídos fisicamente. Devem ter, pelo menos, 1,75 metro de altura, para representarem com evidência a autoridade. Imaginem: se o polícia tem só 1 metro e meio, como vai pedir a documentação a um cidadão com 1 metro e oitenta de altura? (RISOS E APLAUSOS).

Quando criámos a Polícia cometemos um erro: recrutámos jovens com 18, 19 ou 20 anos, com a 4.ª, 5.ª ou 6.ª classes. Recrutámo-los sem qualquer critério de selecção e abrimos um campo para os treinar. Estes jovens não passaram por uma disciplina forte, que é a disciplina militar.

Então, não houve transformação da vida da palhota para a vida da cidade. Muitos deles nunca viveram nas cidades, são jovens do campo. E, de repente, depois do treino, são colocados a trabalhar na cidade. É por isso que alguns são atropelados em Maputo, porque ficam a olhar, no meio da rua, admirados, para os altos prédios da cidade, que nunca tinham visto! E são polícias de trânsito! (RISOS).

A cidade, meus amigos, é o ponto mais sensível de qualquer país. As nossas cidades — Maputo, Beira, Quelimane, Tete, Chimoio, Pemba, Nampula, Lichinga, Inhambane, Xai-Xai — são os pontos mais sensíveis do nosso País. Todas as capitais são

assim. Por isso, devemos seleccionar que tipo de gente queremos colocar nas capitais, considerar as suas qualidades e capacidades, o seu grau de inteligência, o seu comportamento, o seu grau de organização e de eficiência.

Assim combateremos os roubos e, para isso, não precisaremos de muitas polícias quando existem estas qualidades. Não precisaremos de 200, 300 ou 400 polícias na cidade, quando os bandidos armados ocupam o campo! (APLAUSOS MUITO PROLONGADOS).

SNASP: PREVENIR O CRIME

Quando falo da Polícia, falo também do SNASP. O SNASP é um serviço muito sensível. Nos países desenvolvidos, o mínimo que se exige aos candidatos para os Serviços de Segurança é a 11.ª classe e um curso de especialização de três anos.

Mas, antes de tudo, os candidatos devem fazer a tropa e depois se especializarem nos Serviços de Segurança.

Em toda a parte do mundo, um polícia é aquele que fez primeiro o serviço militar obrigatório e depois é seleccionado lá para poder ingressar na Polícia. Não se sai da palhota directamente para a Polícia! Em relação ao SNASP é a mesma coisa.

Antes de se ser polícia ou agente de segurança, deve-se ir à tropa, revelar qualidades de inteligência, de sensibilidade. Deve revelar-se um estudioso da psicologia, da sociologia, das reacções das pessoas.

O polícia deve ser capaz de saber como lidar com uma pessoa analfabeta, com outra semi-analfabeta, com uma pessoa um pouco instruída ou com a 4.ª classe mal feita. (RISOS). Cada uma destas pessoas, como reage? Têm o mesmo comportamento? (Não!).

Pessoas com a 5.^a, 6.^a, 7.^a até 9.^a classes reagem da mesma maneira? A que tem a 11.^a classe e que tem um curso superior, que frequentou a Universidade, que tem o mundo e a cultura na cabeça, têm o mesmo comportamento? São estas pessoas que vão ser investigadas por um elemento com a 4.^a classe que saiu da palhota directamente para o SNASP?! (RISOS E APLAUSOS PROLONGADOS).

Como lidar com uma senhora analfabeta, com outra semi-analfabeta, ou instruída e formada? Como tratar com cada uma delas? E o agente só tem a 4.^a classe, muitas vezes mal feita, e saiu da palhota para o SNASP, não conhece o mundo, não tem experiência de nada.

Acontece que no nosso País há muitos estrangeiros. Aqui em Nampula, talvez haja mais de 20 nacionalidades. Como lidar com cada uma dessas nacionalidades?

Que experiência de vida têm os jovens que saem directamente da escola para a Segurança, para a Polícia? Não têm nenhuma experiência, têm apenas o cartão do SNASP que lhes confere a autoridade, a «sabedoria»! (RISOS).

Como é que este jovem vai falar com um coooperante psicólogo, engenheiro, agrónomo, economista, professor da Universidade? Vai poder investigar estas pessoas? (Não!).

São estes os nossos problemas, meus amigos.

Se não formamos os nossos quadros como deve ser, não estaremos em condições de lutar contra os bandos armados. Só aqui onde estamos, não sei quantos doutores estrangeiros estão presentes, sem contar com os nacionais. Significa que são pessoas com mais cultura, mais visão e mais conhecimento que o nosso agentezito do SNASP. Significa que são professores destes jovens que agora estão a investigar! (RISOS).

Ontem falámos das estruturas do aparelho de Estado. Falámos das três qualidades fundamentais que elas devem ter. E dissemos, em particular, que não queremos fazer das nossas estruturas o refúgio para os incompetentes, para os incapazes, para os analfabetos, ignorantes e insensíveis à vida do povo.

É por isso que em Nampula há muitos roubos e nunca são presos os ladrões na cidade. Porquê? Porque nas nossas próprias estruturas acomodamos ladrões, preguiçosos, corruptos.

A tarefa prioritária do SNASP é prevenir o crime, é prevenir que os cidadãos cometam crimes que desestabilizem o Estado. Os verdadeiros inimigos da Polícia, da Segurança, são os reaccionários, os anti-patriotas, os sabotadores, os marginais, os criminosos, os assassinos, os assaltantes à mão armada.

São estes anti-sociais, estes perturbadores da lei e da ordem social, que desestabilizam a cidade, os verdadeiros inimigos da Polícia Popular de Moçambique e do SNASP. Não é o povo! (OVAÇÃO MUITO PROLONGADA).

Mas, para ganhar a sensibilidade de conhecer o inimigo, é preciso, em primeiro lugar, que se forjem no combate. Por isso, queríamos que todos estes elementos do SNASP e da PPM, que pupulam nas cidades, fossem combater na floresta, ao lado das Forças Armadas, contra os bandidos armados, para ganharem ódio ao inimigo e não ao povo. (APLAUSOS MUITO PROLONGADOS).

Queremos que estes polícias e agentes da Segurança saiam para os distritos, postos administrativos, aldeias comunais, para lá onde está o povo, para deterem o crime lá longe e não quando o crime chega aqui à cidade.

A melhor defesa é a ofensiva e não a defensiva. A defensiva é uma posição vulnerável. E, para esconder a sua ineficácia e paralisia, para poderem dizer «que fazem alguma coisa», para justificar o

seu salário, agentes da Segurança e da Polícia «convidam» os ladrões para virem para as cidades, onde eles próprios se aglomeram. (APLAUSOS PROLONGADOS).

A Polícia, a Segurança, têm inimigos permanentes. São os vícios que trazem do campo, da palhota para a cidade, e que devem combater. Mas não fazem isso. A tendência que existe nas capitais provinciais é alojar bem a Polícia, o SNASP nas «flats», nos maiores prédios que a cidade tiver, dar-lhes conforto. Alojamos aí estes jovens que não conhecem a cidade, que de repente se vêm saídos do seu meio e a viver numa cidade.

O que acontece? Corrompem-se pelo conforto.

Pela primeira vez, começam a lidar com dinheiro. Então há roubos, há desvios dos bens do Estado.

As casas onde vivem estão destruídas, as mobílias estragadas. Não as sabem utilizar. É que nunca viram uma cama, uma mesa, um sofá. Não passaram por um processo para saber como habitar uma casa, como cuidar das mobílias.

COLABORAÇÃO ESTREITA ENTRE FORÇAS DE DEFESA E SEGURANÇA

A tropa, meus amigos, não vive na flat, vive no quartel. O General dorme na tarimba, tal como os seus soldados, lá no quartel. Ele não pode andar a fazer «guerra» ao cidadão, para disputar a melhor casa! Em toda a parte do mundo, o General do Exército é a pessoa mais modesta. Não pode andar a competir com os negociantes, comerciantes e industriais. A sua casa é o quartel. Quando o General fala, fá-lo como um soldado, em nome do soldado, como cumprir as ordens.

Refiro-me especialmente a estas três estruturas porque são elas que defendem a independência na-

cional, a integridade territorial, a soberania. São elas que defendem a Revolução e a construção do Socialismo. São elas que velam pela tranquilidade, pela harmonia e que consolidam a Unidade Nacional.

São elas que defendem, sobretudo, o nosso desenvolvimento económico. As Forças Armadas, o SNASP e a Polícia, como estruturas, defendem fundamentalmente a economia nacional, o nosso desenvolvimento, protegendo a realização dos grandes projectos económicos.

Isto que estou a dizer-vos não é novo. Foi já discutido pela 3.ª Sessão do Comité Central e pela 12.ª Sessão da Assembleia Popular. Foram aprovadas resoluções que contêm as tarefas das Forças Armadas, do SNASP e da Polícia Popular de Moçambique, no presente momento.

Agora, hoje mais do que nunca, a prioridade da sua missão é a luta contra os bandidos armados. Foi por isso que viemos a Nampula. (APLAUSOS PROLONGADOS).

Vimos a Nampula para avaliar as nossas potencialidades humanas, a nossa capacidade militar, o equipamento que possuímos.

Constatámos que existem condições objectivas favoráveis. Constatámos que as condições subjectivas estão maduras para se transformarem em condições objectivas. Falta apenas a organização e a distribuição correcta de tarefas, falta a definição das direcções principais pelas quais devemos caminhar. Falta a definição clara do inimigo, dos alvos a abater, e da estratégia correcta a seguir.

Estão aqui os soldados, a polícia e os veteranos da guerra de libertação nacional, que conhecem o segredo de como ganhar a guerra. Eles conhecem esse segredo, são meus colegas.

Está aqui o SNASP que, cumprindo a sua missão, devia ter detectado a mais pequena infiltração no País e informar imediatamente o Exército. Essa é a

missão da Segurança. Deviam ter informado às Forças Armadas: há infiltração no posto administrativo tal, na Aldeia Comunal, no projecto económico.

Mas, para que isso seja assim, é preciso que o Comando Provincial conheça os grandes projectos que vão liquidar a fome e a nudez na província de Nampula. Só assim poderá defender coisas concretas. Só assim saberá localizar os alvos a abater. Não se combate um inimigo abstracto, pois o inimigo é um corpo vivo, concreto, objectivo. E no combate, o Exército actua colectivamente.

A Polícia já não actua colectivamente. O controlo da cidade, a partir da residência, é tarefa da polícia, exclusivamente. Os militares não patrulham a cidade, não andam a defender prédios. O Exército ocupa e defende a floresta!

O SNASP detecta a mais ínfima penetração inimiga, a mais pequena infiltração do veneno do inimigo no nosso seio. A Polícia protege a Constituição, defende o cumprimento da lei, zela pela vida dos cidadãos, todos os dias, 24 sobre 24 horas.

Mas, entre as Forças Armadas, o SNASP e a Polícia, deve haver uma colaboração estreita, deve haver uma única direcção. Assim venceremos os bandidos armados. Assim venceremos o ladrão armado de Nampula.

Durante a nossa estada nesta Província, trabalhamos com as estruturas das Forças Armadas, da Polícia e da Segurança. Definimos as direcções principais e distribuimos tarefas.

Mas viemos a Nampula também para discutir os problemas da vida do povo inteiro. Escolhemos Nampula porque vive-se aqui um ambiente tranquilo, porque Nampula é uma cidade pacífica e porque permitiu que todos os membros do Bureau Político se deslocassem. Não nos reunimos em nenhuma capital onde resida um membro do Bureau Político. Todos tivemos que nos movimentar e sair do ambiente já

envenenado de Maputo. Deixámos o ambiente doentio, de intriga e boatos, de inimizades, de ciúmes e de calúnias, e viemos a Nampula. Deixámos uma ambiência de ódios e rancores entre as pessoas, um ambiente de perseguições.

Escolhemos então Nampula para discutir profundamente a vida do nosso povo, o que significa a vida do Partido.

EXPERIÊNCIA DA LUTA ARMADA E ESTRUTURA DO PODER POPULAR

Durante a guerra de libertação nacional, aprendemos a amar o povo, a amar a nossa terra. Aprendemos a admirarmo-nos como homens, como homens dedicados à causa do povo.

Foi durante a nossa guerra de libertação nacional que aprendemos a exercer o poder, nas zonas libertadas, que eram a nossa escola de aprendizagem de amar e servir o povo, de educar o povo e aprender com ele.

A história é feita pelo povo. O heroísmo é mérito do nosso povo. Foi o nosso povo que nos transmitiu as gloriosas tradições de luta. Foi o povo que nos inspirou para conquistarmos a vitória.

Aprendemos, durante a luta de libertação nacional, a lutar contra o tribalismo. Aprendemos a viver modestamente. Aprendemos a ser simples e modestos, mas profundos na análise.

Aprendemos que a melhor escola, a melhor lição é o nosso próprio comportamento. Um acto correcto, revolucionário, um acto humano valem mais que mil palavras.

Aprendemos isto não nos livros, não em compêndios, mas sim com o povo, fomos por ele educados. Aprendemos dos nossos próprios soldados: os que sabiam mais ensinavam aos que sabiam me-

nos, os mais dedicados ensinavam aos menos dedicados, os mais corajosos ensinavam aos menos corajosos.

E assim fomos avançando em ondas sucessivas, devorando constantemente o nosso inimigo.

Definimos então o tribalismo, o regionalismo, o racismo, como inimigos permanentes que devem ser combatidos com o cano das nossas armas.

Aprendemos que, onde há guerra, não há conforto. A guerra e o conforto não marcham juntos, não marcham paralelamente.

Aprendemos a valorizar a vida humana, a respeitar a pessoa humana. Aprendemos a disciplina, a disciplina activa, como sentinela da nossa linha política, como segredo da nossa vitória.

Aprendemos, durante a guerra de libertação nacional, a viver organizados, com tarefas distribuídas.

Foi a Frente de Libertação de Moçambique que nos ensinou isto. Mas o que é a Frente de Libertação de Moçambique senão os seus membros? Onde está a FRELIMO sem membros, sem o Povo?

Aprendemos também, que os dirigentes mais altos são aqueles que são mais apreciados pelo povo, eleitos pelo povo como seus representantes.

É por isso que existe o Comité Central. O Comité Central é o ponto mais alto das qualidades dos homens. O Comité Central é o ponto mais alto das qualidades morais, organizativas, de dirigente, de educador, de amor ao próximo, ao povo, de respeito pela hierarquia, pela disciplina.

No Exército, uma Companhia de 90 ou 120 homens, tem um capitão, o comandante, tem tenentes, tem alferes, sargentos e cabos. Essa é a hierarquia. O Batalhão, tem um major, que é quem comanda, tem três capitães, com tenentes, alferes, sargentos e cabos. É esta a hierarquia.

No Comité Central é também assim.

Existem as Províncias com os seus Comitês Provinciais; os Distritos com os Comitês Distritais; as Localidades com os Comitês de Localidade.

Todos estes organismos subordinam-se, obedecem ao Primeiro-Secretário do Comité Provincial.

E todos os Comitês Provinciais do País subordinam-se ao Comité Central, que tem a visão global do País, do mundo, que define a política interna e externa da República.

É o Comité Central que elege o Bureau Político. O Bureau Político, no intervalo entre as sessões do Comité Central, vela pela execução da política interna e externa do País, vela para que o Governo aplique a política definida pelo Partido.

Entendem? (Entendemos!).

O Bureau Político vela também pela vida dos membros do Comité Central, pela vida de todos os militantes e de todo o nosso povo, no intervalo das suas sessões.

No Estado, existe o Governo. Aí está o Presidente da República, que é Chefe de Estado. No caso de Moçambique, o Presidente da República é Presidente do Conselho de Ministros, da Comissão Permanente da Assembleia Popular, Presidente da Assembleia Popular e também Comandante-em-Chefe das Forças de Defesa e Segurança.

O que quer dizer, Forças de Defesa e Segurança?

Primeiro, são as Forças Armadas. As Forças Armadas têm o Exército, as Forças Terrestres, a Força Aérea com os transportes, com os helicópteros de combate e desembarque das tropas, com os caça-bombadeiros, estando os mais modernos do País aqui na vossa província. O Exército tem também os tanques, os anfíbios, a artilharia, a Marinha de Guerra.

Segundo, são as Forças de Segurança.

Terceiro, são as Forças Policiais e as Milícias Populares.

O conjunto das Forças Armadas, Forças de Segurança e Forças Policiais constituem as Forças de Defesa e Segurança.

Estas três forças dependem do Comandante-em-Chefe.

Existe o Ministério da Defesa Nacional e o Estado-Maior General, que controlam o Exército, dirigidos por membros do Bureau Político. O Ministro da Defesa é o Camarada Alberto Chipande. O Camarada Sebastião Mabote dirige o Estado-Maior General, que compreende as Forças Terrestres, a Força Aérea, a Marinha de Guerra. Mas não dirige a Polícia, não dirige o SNASP, nem as Milícias.

Temos o Ministério do Interior, que controla a Polícia que é uma força para-militar, a Polícia de Investigação Criminal, a Polícia de Trânsito. Estas Forças dependem do Ministro do Interior, o Camarada Armando Guebuza, membro do Bureau Político.

Existe o SNASP, a segurança popular, que é uma força muito especial, com já defini. O SNASP depende do Camarada Mariano Matsinhe, membro do Bureau Político.

Resumindo, temos 3 forças principais: as Forças Armadas, as Forças Policiais e as Forças de Segurança. Todas elas são dirigidas por altos responsáveis do Partido.

Agora pergunto: tendo estruturas tão bem definidas, tendo tarefas tão bem delineadas e claras, como é possível que no nosso País haja arbitrariedades e ilegalidade?

É isto que viemos discutir na vossa Província.

Não viemos a Nampula para falar apenas sobre esta província. Discutimos problemas de todo o País, problemas do Partido e do Governo, a vida de toda a Nação.

Há um relaxamento mental, físico, nessas Forças e os bandidos armados avançam. Se há relaxamento, então há problemas sérios nos Ministérios. Não é

nos soldados. Estes esperam apenas pelo comando. O problema está nos Ministérios.

Então, viemos a Nampula, também para analisar a vida dos membros do Bureau Político. Acontece que alguns são ministros e outros são dirigentes das Províncias de Sofala, Cabo Delgado e Zambézia.

Queremos aqui saudar essas três províncias pela qualidade do trabalho que hoje desenvolvem. A situação nessas províncias mudou completamente. (APLAUSOS PROLONGADOS).

Enviar membros do Bureau Político para as províncias, é uma experiência original moçambicana. Enviámos os dirigentes mais altos do Partido para as províncias. Eles têm poder de decisão, para impulsionar a luta pela construção do socialismo no nosso País.

A nível provincial, o seu dirigente é o Governador Provincial, com os seus directores provinciais, administradores. Todos eles dependem do Governador. O seu único canal para a nação, para a sede, para a capital, é através do Governador Provincial. Não é mais ninguém!

Os directores provinciais devem informar todos os dias o Governador sobre o que se passa no distrito, na localidade, na aldeia, na empresa, na fábrica.

O Governador não pode ouvir da população o que se passa. Ele deve ouvir dos directores, dos militares. Todas as estruturas que existem em cada província dependem do Governador. E os instrumentos executores do Governador são os directores provinciais, os directores das empresas, das fábricas.

No distrito, em primeiro lugar está o administrador. É ele a primeira pessoa no exercício do poder. Toda a população, todas as estruturas, militares e não militares, dependem do administrador. É ele que tem a visão completa dos problemas e das preocupações do distrito e do povo.

Não importa se é um general que se encontra no distrito, se é um major ou capitão. O chefe do distrito é o administrador. Ele tem consigo o povo e na luta contra o bandido armado, é o povo que desempenha o papel decisivo em coordenação com as Forças de Defesa e Segurança.

Havendo esta interdependência, liquidaremos rapidamente os bandos armados, a fome, a nudez, porque temos o controlo nas nossas mãos. Temos connosco o volante, podemos conduzir o carro à velocidade que queremos: a 50 km/h, 60 km/h, a 100 km/h ou a 1000 km/h... (RISOS).

Tudo depende do vosso controlo. Estou surpreendido por não terem apresentado ao Governador os vossos problemas. Além disso, aqui na Província há deputados da Assembleia Popular, da Assembleia Provincial, directores provinciais. Há deputados nos distritos e localidades. E é característica da República Popular de Moçambique dialogar-se com o povo, auscultar as suas preocupações, e com o povo encontrar as soluções para os seus problemas (APLAUSOS PROLONGADOS).

Mas, por vezes, perdemos a atenção dos problemas principais, porque estamos preocupados na disputa pelo poder, para saber quem é quem. Para saber «em que número estou em relação ao Governador!» (RISOS).

O problema é que também lá mais para cima, ao nível mais alto, há essa preocupação: «Depois do Presidente, quem é?» (RISOS E APLAUSOS PROLONGADOS).

É natural. Em toda a parte do mundo é assim.

Na estrutura militar também é assim. Os Majores-Generais, que também estão aqui connosco, estão preocupados em saber quando serão Tenentes-Generais, Coronéis-Generais e quando serão o **General**. E por isso não vão ao combate, lutam entre si. (RISOS).

O capitão também está preocupado, quer saber quando é que será major, para ter um batalhão. Dirigir uma companhia já é pouco para ele. Nós dizemos-te: «Fica aí a dirigir a companhia que tens! (RISOS E APLAUSOS PROLONGADOS). No dia em que liquidares os bandidos armados, vamos promover-te e até condecorar-te. Não temos problema nenhum».

São estes os nossos problemas. Tivemos crises durante a guerra de libertação nacional, por causa da ambição. E pagámos caro, morreram muitos camaradas nossos, só por causa da ambição. Não pudemos realizar correctamente as nossas missões por causa da ambição.

Se tivéssemos como única ambição melhorar a vida do povo, servir melhor o povo, seríamos heróis.

Nós, veteranos, não queremos viver do passado. Temos que fazer a nova história, deixar que os jovens se formem, para também haver novos generais, feitos em novos combates, na luta contra os bandidos armados. (APLAUSOS PROLONGADOS).

Se tivermos bons comandantes da Polícia, bons agentes do SNASP, não haverá ilegalidade, prisões arbitrárias e «armazenamento» de pessoas sem julgamento. Haverá, sim, respeito e tranquilidade. (APLAUSOS MUITO PROLONGADOS).

Estas são as nossas preocupações, população de Nampula. É isto que nos levou a reunir na vossa bela cidade.

É a primeira vez na nossa história, que o Bureau Político se reúne fora de Maputo. Esta é a tradição da FRELIMO. O Comité Político-Militar da FRELIMO reunia-se nas zonas libertadas, no seio do povo, para estudar os seus problemas e depois transmitia directamente ao povo as decisões que tomava.

Por isso viemos a Nampula. E temos a certeza da vitória, porque vocês nos inspiram. Obrigado! (OVAÇÃO MUITO PROLONGADA).

(Sua Excelência o Presidente Samora Machel, apresenta os membros do Bureau Político e do Comité Central presentes no Comício).

A Luta Continua! (CONTINUA!)

A Luta Continua! (CONTINUA!)

Independência ou Morte! (Venceremos!)

Independência ou Morte! (Venceremos!)

A província de Nampula é um vasto território de mais de 80 mil quilómetros quadrados.

Esta população de mais de dois milhões e meio de habitantes não pode ser perturbada e aterrorizada por pequenos bandos de ladrões e assassinos.

Esta população laboriosa, pacífica, rica culturalmente, tem o legítimo direito de explorar, em tranquilidade, as enormes riquezas e potencialidades deste território em benefício do povo e da construção do socialismo.

Durante os oito dias da nossa estada visitámos distritos, vários projectos económicos, unidades militares e a própria cidade de Nampula.

Nos distritos de Nacala, Malema e Ribáuè vimos a população engajada na produção agrícola, na liquidação da fome. Vimos o arroz, o milho, o feijão, o tomate, o alho, a cebola, as hortícolas, a carne, os ovos produzidos pelo povo. Saímos mais convictos que venceremos o flagelo da fome.

Sentimos, neste distrito, o entusiasmo do povo na produção agrícola e a determinação em liquidar definitivamente, em rachar a cabeça do bandido e do ladrão com a picareta, com o martelo, com qualquer arma que tiverem ao seu alcance.

Saudamos essas populações porque sabemos que este engajamento na luta contra o bandido e ladrão armado e contra a fome, reflectem o engajamento e a determinação de toda a Província de Nampula.

Saudamos a população na Província de Nampula pelo seu espírito patriótico e de luta, que pede armas para liquidar o bandido armado, para viver em paz, para defender o seu trabalho, para produzir mais, muito e melhor.

A vossa contribuição para o reforço da Capacidade Defensiva, é também testemunho dessa vossa vontade de lutar e vencer. Obrigado também pelo vosso apoio e solidariedade manifestados nas ofertas que fizeram para amenizar o sofrimento das vítimas das secas, das inundações e da depressão que assolaram a zona Sul do nosso País, concretamente Gaza, Maputo e Inhambane.

O vosso acto expressa a profunda indentificação, a vossa fraternidade, demonstra o amor que existe na grande família moçambicana, demonstra que nós, moçambicanos, somos irmãos gémeos e de sangue. Por tudo isto, obrigado!

Vocês souberam partilhar o pouco que possuem com aqueles que hoje vivem o drama de terem ficado sem nada.

Sentimo-nos orgulhosos pelo vosso espírito patriótico que reforça a unidade de todo o Povo moçambicano, do Rovuma ao Maputo.

A província de Nampula foi honrada pela presença de todo o Bureau Político do Comité Central do Partido Frelimo, onde realizou uma importante reunião de dois dias. A população da cidade de Nampula soube acolher os seus dirigentes com carinho e amor. Soube estar à altura da responsabilidade que lhe foi atribuída pelas estruturas centrais do nosso Partido.

Terminamos hoje, 25 de Maio, a nossa visita à província de Nampula. Esta é uma feliz coincidência porque celebramos convosco o dia da fundação da OUA. (APLAUSOS).

É uma data histórica para todo o Continente Africano. Há 21 anos, precisamente no dia 25 de

Maio, foi criada a OUA. Os seus objectivos eram unir os povos africanos, conjugar energias e esforços para a libertação total do nosso Continente, contra o colonialismo e imperialismo, pela Paz, pela liberdade, pela justiça.

Foi valiosa a contribuição dada pela OUA para a libertação do Povo moçambicano. Na nossa liberdade, na nossa independência, celebramos com alegria esta data histórica para a África.

A OUA continua ainda a ser o nosso instrumento de libertação. No prosseguimento dos seus nobres objectivos, a OUA está profundamente engajada na libertação da Namíbia e do Sahara, cujos povos se encontram ainda submetidos ao colonialismo.

Finalmente saudamos o calor humano, o acolhimento fraternal e carinhoso, o amor, a alegria como a população da cidade de Nampula nos envolveu ao longo da nossa estada de oito dias.

Desde a nossa chegada a Nampula, desde o aeroporto, fomos submergidos por uma onda de entusiasmo, de alegria e de emoção. Fomos saudados por milhares de pessoas, homens, mulheres, crianças que dançavam, saltavam, que acenavam alegremente. Obrigado, população da cidade de Nampula.

Emocionou-nos o sermos acompanhados desde o aeroporto até à nossa residência por um mar de gente, saudando-nos entusiasticamente. Homens e mulheres, jovens e velhos eram, ao nosso lado, como as águas de um rio, correndo sem cessar num movimento de entusiasmo e alegria que nos envolvia e acarinhava.

Esta alegria contagiante, o acolhimento e entusiasmo calorosos, acompanharam-nos durante a nossa estada.

Ao partirmos de Nampula levaremos connosco a beleza da mulher moçambicana, a beleza da mulher de Nampula. Levaremos connosco a graciosidade

dos seus gestos, a elegância das suas danças, a ondulação das suas belas vozes, o garrido das suas lindas vestes.

Nelas encontrámos a inspiração para desenvolvermos as nossas danças, os nossos cantos, as nossas ricas tradições culturais que são património de todo o Povo moçambicano.

Encontrámos estímulo para continuarmos a edificar o nosso País, onde queremos que viva sempre o sorriso inocente das crianças, a alegria de viver da juventude, a felicidade e o bem-estar do Povo moçambicano.

Partimos de Nampula com o vosso calor humano e amigo, com o vosso entusiasmo inspirador, com a vossa hospitalidade fraterna.

Estes valores são já património do Povo moçambicano. São já parte integrante dos nossos valores éticos, morais e culturais.

Partimos de Nampula com a certeza da vitória.

Obrigado, população de Nampula!
Achukuro, população de Nampula!
Khanimambo, Povo moçambicano!

A Luta Continua!

Obrigado!

(OVAÇÃO MUITO PROLONGADA).

Tiragem 15 000 exemplares
Registado no INLD sob o N.º 0506/INLD/84
Composto e Impresso na Tip. «Notícias»
M A P U T O
República Popular de Moçambique
Junho de 1984



**DEFENDER A PÁTRIA
VENCER O SUBDESENVOLVIMENTO
CONSTRUIR O SOCIALISMO**